

**RÁDIO YANEKUEMA****Comunicação indígena e tecnologia como construções coletivas*****Mariany Martins Santos***

Mestranda vinculada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade do Estado do Amazonas (PPGICH-UEA). Graduada em Letras pelo Centro de Estudos Superiores de Tefé (CEST-UEA). Bolsista CAPES.

***Guilherme Gitahy de Figueiredo***

Subcoordenador e Professor do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH) e professor do curso de Pedagogia do Centro de Estudos Superiores de Tefé da Universidade do Estado do Amazonas (CEST-UEA). Pós-Doutor em Estudos Antrópicos na Amazônia na UFPA. Doutor em Antropologia Social pelo Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro e Mestre em Ciência Política pela Universidade Estadual de Campinas. Bacharel em Ciências Sociais Geral e Antropologia pela Universidade Estadual de Campinas.

A Rádio Yanekuema é uma rádio poste que faz parte do viver e da comunicação do povo Mayoruna na aldeia Marajaí, localizada na margem direita do Rio Solimões, no município de Alvarães (AM), região do Médio Solimões. A terra indígena possui uma população de 192 famílias, com aproximadamente 900 habitantes, entre os quais a autora Mariany, que vive entre a aldeia e o município vizinho de Tefé (AM), onde atualmente cursa o mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas, sob orientação do coautor Guilherme. Para contar a respeito da rádio, ouvimos relatos de moradores sobre a sua criação e sobre a comunicação indígena antes e depois da Yanekuema. Foram feitas três entrevistas, mas o relato também é fruto de muitas conversas informais e das experiências pessoais dos autores, de modo que se trata de uma narrativa coletiva.

De acordo com os moradores, antes da rádio ser instalada na aldeia a comunicação comunitária era realizada de diversas maneiras, tais como bater na sapopemba<sup>1</sup>, imitar onça ou esturrar e assoprar no boró<sup>2</sup>, meios de comunicação tradicionais utilizados pelos anciões da aldeia. Com passar dos anos, a aldeia foi beneficiada pela Igreja Católica com um garrafão de oxigênio: o tuxaua Lourival, para reunir o seu povo numa reunião, tinha o

---

<sup>1</sup> Sapopemba é uma árvore que cresce em terra firme e atinge em média 10 a 20 metros de altura, com tronco de 40 a 50 centímetros de diâmetro. As suas folhas são simples, com 7 a 12 centímetros de comprimento por 3 a 6 centímetros de largura.

<sup>2</sup> Boró é um utensílio lapidado da cuieira, como uma espécie de vaso para guardar as bebidas típicas. Quando assoprado, o seu timbre é bastante forte.

hábito de bater na garrafa várias vezes. Muitos compareciam, mas quem estava em lugares distantes podia demorar para receber o aviso ou acabar desinformado. Em 2012, com a chegada da energia elétrica do programa Luz Para Todos do Governo Federal, a aldeia começou a adquirir cada vez mais eletrodomésticos, eletrônicos e aparelhos digitais, entre eles, receptores de rádio, TV, computadores e celulares. Contudo, “na aldeia a comunicação ainda era baseada em conversas informais e formais, ou seja, quando era para fazer um trabalho comunitário o líder [tuxaua] gritava ou ia nas casas avisando sobre o trabalho a ser realizado” (Raimundo dos Santos Oliveira, entrevista, 18/02/2021).

Outro fenômeno das últimas décadas tem sido o aumento da escolaridade do povo Mayoruna e a entrada dos jovens na universidade. Esses foi o caso de Jovane Noteno Neves, que ingressou no curso de Biologia do Centro de Estudos Superiores de Tefé da Universidade do Estado do Amazonas (CEST-UEA). Durante um tempo, ele remava todos os dias para conseguir chegar às suas aulas no município vizinho, e essa história ajudou a fortalecer a reivindicação por moradia estudantil na UEA de Tefé, conquista que atualmente beneficia centenas de estudantes. Foi na universidade que Jovane conheceu o movimento de rádios livres e a rádio Xibé, que tinha entrado em operação em 2006 no CEST-UEA. Criada por estudantes da UEA, jovens de Tefé e um professor, a rádio era classificada como “livre” por seguir a tradição das rádios libertárias que são geridas por coletivos sem diretoria e abertos à participação popular, promovendo a liberdade de expressão das pessoas comuns, independentemente de elas possuírem conhecimentos técnicos de programação radiofônica. A Xibé funcionou um tempo na universidade, mas era essencialmente itinerante, sendo instalada em aldeias, comunidades, escolas e bairros em oficinas de educação popular. Ao conhecer esse projeto, Jovane fez o convite para que ele fosse levado ao Marajá:

Então em 2008, o professor veio à nossa aldeia fazer uma visita, com ele o colega Serginho, que trouxeram a Rádio Xibé. Lembro-me que a rádio ficou no polo base da casa de saúde e, quando eles chegaram, nós juntos com os anciãos da comunidade fomos logo ver, pois queríamos conhecer uma rádio. [Até então eles] só ouviam falar e ouvir a voz das pessoas na rádio Alternativa, Rural e Mel FM. A rádio foi muito bem recebida pelo tuxaua, que é meu avô Lourival, e ele foi lá ver a rádio, assim como a juventude foi conhecer, né? Quando fui à casa do meu pai, mandei ele colocar na frequência da rádio no ar e lá estava o professor Guilherme contando um pouco a história do nosso povo Mayoruna que foi relatado pelo avô Lourival, que contou pra ele, e então nós achamos bonita a

rádio Xibé como interessante meio de comunicação na nossa aldeia. Mas nós queríamos que a rádio Xibé ficasse aqui no Marajaí, que fosse nossa, mas ela ficou só três dias e depois ela retornou para Tefé. Então, foi a partir da rádio Xibé que pensamos na implantação de uma rádio na aldeia, pois sentimos a necessidade de ter uma rádio para ficar na aldeia, que servisse para a comunicação do povo, já que a aldeia é bastante grande (Jovane Neves, entrevistada, 20/08/2021).

Quando Jovane já era professor da aldeia, ele e mais os colegas de trabalho Charles, Charley e Oney levaram para uma reunião do Marajaí a proposta da compra de um alto-falante para facilitar a comunicação do tuxaua com o seu povo. Segundo Jovane (entrevista, 20/08/2021), “todos acharam que esse tipo de comunicação iria ajudar muito seja na educação, anúncio de compra e venda de peixe e até em outros assuntos de interesse da aldeia com as informações não só de fora, mas daqui de dentro do nosso povo”. Charles dos Santos Oliveira (entrevista, 11/12/2021) relata que conversas informais já vinham ocorrendo ao longo de 2009 e em setembro, na festa de Nossa Senhora de Nazaré, padroeira da aldeia, foi realizado um torneio em que foram arrecadados R\$ 1.200,00 reais. Com esse recurso já em mãos, em dezembro, os professores fizeram uma “reunião grande” na aldeia para propor a criação da rádio, que finalmente foi instalada no começo de 2010. Atualmente, os professores estão realizando reuniões na escola e promovendo bingo, rifas e outras formas de cooperação para a compra de um transmissor FM. “Como se trata de uma construção coletiva, todo mundo tem que cooperar [...], para que futuramente possa dizer ‘tenho minha parcela de contribuição nessa rádio’, isso é que é o mais importante pra a gente” (Charles Oliveira, entrevista, 11/12/2021).

Os moradores do Marajaí afirmam que a rádio tem contribuído muito para a aldeia desde a sua fundação, visto que tem sido de suma importância para melhorar a troca de informações, além de funcionar como promotora da cultura e da educação do povo Mayoruna, por exemplo através da divulgação de trabalhos escolares. Trouxe um maior alcance e agilidade na comunicação comunitária, pois é possível escutar ela tanto nas casas como nas roças. São transmitidos avisos, anúncios de vendas, capacitações, exposições sobre o festejo, campeonato, eventos e músicas. No contexto atual, com a situação da pandemia Covid-19, a Yanekuema tornou-se um dos meios de divulgação das campanhas de prevenção e de organização da aldeia para se proteger da pandemia com orientações sobre as restrições ao deslocamento para a zona urbana, triagem de informações das lideranças da comunidade, agentes de saúde, lideranças do CIMI, palestras de professores com exposição diária do quadro epidêmico da comunidade, esclarecimento sobre a vacina, etc. A experiência do Marajaí mostra que as rádios próprias podem ser uma importante alternativa para a comunicação em aldeias

indígenas e comunidades ribeirinhas da Amazônia, oportunizando a promoção de direitos e a democratização da comunicação.

#### **ENTREVISTAS**

NEVES, Jovane Noteno. Entrevista concedida a Mariany Martins Santos. Marajaí, Alvarães-AM, 2021.

OLIVEIRA, Charles dos Santos. Entrevista concedida a Guilherme Gitahy de Figueiredo. WhatsApp, 2021.

OLIVEIRA, Raimundo dos Santos. Entrevista concedida a Mariany Martins Santos. Marajaí, Alvarães-AM, 2021.